

## INFLUÊNCIA DAS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS DESDE O ÚLTIMO MÁXIMO GLACIAL NOS PADRÕES DE DIVERSIDADE DA MATA ATLÂNTICA, NORTE DO ESPÍRITO SANTO

Buso-Junior, A.A.<sup>1</sup>; Francisquini, M.I.<sup>1</sup>; Pessenda, L.C.R.<sup>1</sup>; Lorente, F. L.<sup>1</sup>; Cohen, M.C.L.<sup>2</sup>; DE Oliveira, P.E.<sup>3</sup>; Giannini, P.C.<sup>3</sup>;

<sup>1</sup> Laboratório <sup>14</sup>C, Centro de Energia Nuclear na Agricultura - Universidade de São Paulo; <sup>2</sup>Instituto de Geociências; UFPA; <sup>3</sup>Instituto de Geociências, USP

**RESUMO:** Estudos florísticos mostram que as florestas atlânticas entre a Bahia e o norte do Rio de Janeiro (matas dos tabuleiros) apresentam algumas espécies vegetais não compartilhadas com as florestas atlânticas localizadas mais ao sul, conferindo à matas dos tabuleiros um padrão distinto de biodiversidade. Grãos de pólen preservados em dois testemunhos sedimentares coletados na Reserva Natural Vale, norte do estado do Espírito Santo, permitiram reconstituir parte da história das matas de tabuleiros e melhor compreender alguns processos que originaram seus atuais padrões de biodiversidade. As amostras foram coletadas na Lagoa Canto Grande (LCGB) e no Brejo do Louro (BL). As análises palinológicas seguiram protocolos padrão, com uso de acetólise e ácido fluorídrico. Análises isotópicas e elementares de C e N realizadas em um espectrômetro de massas acoplado a um acelerador de partículas apoiaram os resultados palinológicos. A cronologia é fornecida pela datação C-14 da matéria-orgânica total. O testemunho BL, cuja base foi datada em ~35.900 anos cal. AP registrou a presença de uma assembleia polínica indicativa de uma vegetação florestal diferente da atual e composta por alguns elementos de floresta úmida e fria durante o UMG, como *Tapirira*, *Symplocos*, *Ilex* e *Podocarpus*. A presença do gênero disjunto Amazônia - Mata Atlântica *Glycidendron* indica a ocorrência do mesmo desde pelo menos ~25.760 anos cal AP. O  $\delta^{13}\text{C}$  de -28‰ típico de plantas C<sub>3</sub> registrado neste período é condizente com a palinologia. O testemunho LCGB, com idade basal de ~11000 anos cal. AP, mostra que no intervalo aproximado de 11000 a 7700 anos cal. AP a mata de tabuleiros da região era desprovida de alguns táxons que atualmente caracterizam esse tipo de vegetação (exemplos: *Glycidendron*, *Rinorea*, *Senefeldera*, *Hydrogaster*, *Macrolobium*). Em BL, ocorre aumento da concentração de herbáceas, com domínio de Poaceae e Cyperaceae e o enriquecimento do valor isotópico para  $\delta^{13}\text{C}$  -24‰, indicativo de mistura de C<sub>3</sub> e C<sub>4</sub>. Neste período a vegetação local apresentava um conjunto de táxons similar ao atualmente encontrado na Mata Atlântica do leste de Minas Gerais, o que indicaria um clima menos úmido que o atual, em concordância com outros estudos que indicam clima menos úmido para a região sudeste do Brasil durante o Holoceno inferior. A região apresentava também uma mais expressiva presença de vegetação de restinga, provavelmente resultado da maior área disponibilizada pelo nível marinho mais baixo. O testemunho LCGB mostra que a partir de ~7700 anos cal. AP os táxons típicos das matas dos tabuleiros colonizam as florestas da região, conferindo-lhes uma composição florística similar à atual, provavelmente resultado de clima mais úmido que o anterior. Condição semelhante foi registrada em BL a partir de ~7300 anos cal AP, com redução da concentração das gramíneas, abundância das arbóreas e aquáticas ocupando o brejo nos intervalos de maior incidência de chuvas e  $\delta^{13}\text{C}$  -30‰, típico de domínio florestal (plantas C<sub>3</sub>).

**PALAVRAS-CHAVE:** PALEOCLIMA, MATA ATLÂNTICA, QUATERNÁRIO TARDIO.